

Quem é responsável?

George Joffé

Existe uma grande diferença entre a Al-Qa'ida e os pequenos grupos terroristas tradicionais, ela é uma filha da era da globalização, funcionando como uma rede das redes que agrupa grupos radicais do mundo islâmico com agendas diversas. Por isso, ela é como uma hidra: o decapitar de uma cabeça, apenas faz emergir outra. A eliminação violenta de bin Laden sem uma resposta às causas profundas do ódio que ele encarna não trará uma solução duradoura para a crise presente.

Os terríveis acontecimentos de 11 de Setembro em Nova Iorque e Washington trouxeram finalmente o terrorismo internacional para o topo da agenda do mundo desenvolvido.

O presidente Bush, no seu primeiro grande teste desde que exerce funções, começou a construir uma coligação alargada de estados contra o terrorismo e tudo indica que o Afeganistão será o seu primeiro alvo. Outros estados têm manifestado apoio aos Estados Unidos, com mais ou menos entusiasmo –já que, ainda que a retórica seja de endosso aos objectivos dos EUA, uma ajuda efectiva não é certa, à medida que os governos se vão dando conta dos possíveis custos que um apoio demasiado entusiástico poderá acarretar. O alvo também parece claro: Osama bin Laden, O milionário saudita dissidente, entrincheirado nas impenetráveis montanhas afegãs, e que se tornou no símbolo de todos os receios e aversões dos ocidentais em relação ao islamismo política radical, depois de na sua *fatwa* de 1998 ter afirmado ser lícita a eliminação de americanos.

Apesar disso, continua a haver os que parecem não estar convencidos; é o caso do líder espiritual do Afeganistão, o *mullah* Muhammad Omar. Ele exige provas concretas do envolvimento de bin Laden para o entregar, conforme lhe pediram as autoridades do Paquistão. Claro que, dadas as suas próprias convicções, a sua hesitação não é propriamente surpreendente, conhecida que é a tradicional recusa do Afeganistão em aceder a tais pretensões, justificadas com a hospitalidade devida a bin Laden, os interesses comuns e o próprio prestígio que desfruta bin Laden na região de Kandahar. Mas há muitos outros, que sem partilharem minimamente os objectivos de bin Laden, têm vindo a expressar receios de que o Ocidente tenha caído na tentação fácil de construir um símbolo demonizado, podendo estar a deixar escapar os verdadeiros inimigos.

Os que exprimem estas ansiedades justificam-nas pelo facto de parecer pouco provável que uma tão complexa operação tenha sido montada a partir de local tão remoto, tendo em conta que bin Laden, de acordo com os seus aliados *taliban*, não tem acesso a telefone, fax ou correio electrónico. É evidente que ele se livrou do seu telefone-satélite, ao aperceber-se que os EUA o poderiam detectar através do aparelho e fazer-lhe o que os israelitas têm feito a activistas palestinos ou o que a Rússia fez ao antigo líder rebelde da Chéchenia, Aleksander Dudayev – eliminá-lo. Para além disso, bin Laden tem negado o seu envolvimento nos mais recentes atentados, o que tendo em conta que no passado não hesitou em exhibir publicamente as suas ambições e sucessos, não deixar de dar algum peso aos seus desmentidos. Finalmente, a grande variedade de nacionalidades dos envolvidos nos incidentes terroristas que lhe foram atribuídos no passado e dos que alegadamente

terão estado implicados nos atentados de dia 11 de Setembro de acordo com as autoridades americanas sugere que o que está em questão é algo de mais complexo.

Alguns observadores consideram que Osama bin Laden é o elemento central de uma rede das redes que agrupa diferentes organizações terroristas que colaboram em acções específicas mas que têm as suas próprias agendas nacionais e regionais. Eles referem por exemplo o papel da dissidente *Gama'at Islamiyya* e da *Jihad Islamiyya*, ambas egípcias, no anterior atentado bombista ao World Trade Centre, em 1993, e as ligações entre ele e os atentados às embaixadas americanas no Quénia e na Tanzânia há três anos. Fazem notar esses analistas, o papel desempenhado por egípcios e outros nacionais no norte de África em parêntese com sauditas noutros incidentes, assim como fazem notar as interligações desses incidentes e organismos puramente nacionais, como os grupos seculares palestinos ou a *Jihad Islamiyya* e o *Hamas* nos Territórios Ocupados ou o *Hezbollah* no Líbano, por um lado e o aparente não envolvimento de qualquer Estado, apesar das tentativas feitas para se ligar o Iraque aos últimos incidentes sangrentos.

De facto, existe uma clara diferença entre os grupos terroristas tradicionais - no Médio Oriente, no Caxemira no Sri Lanka, os mesmos nos EUA, por exemplo - e esta nova rede nebulosa que parece ter sido responsável pelos recentes actos de violência e pelos ataques espectaculares no Quénia e na Tanzânia em 1998, em Nova Iorque em 1993, no complexo al-Khobar na Arábia Saudita em 1996, assim como o ataque ao vaso de guerra USS Cole o ano passado. Todos estes actos envolveram um planeamento demorado e cuidadoso, a colocação de activistas nos locais de acção com vários meses de antecedência, senão mesmo anos. Nos últimos ataques, alguns dos envolvidos tinham vidas aparentemente normais, inclusive com família e filhos, até ao momento em que, nas acções dramáticas que levaram a cabo, se mataram a eles próprios conjuntamente com milhares de vítimas inocentes. E, em todas as acções, o alvo principal, ou mesmo, o alvo exclusivo, parece serem os Estados Unidos.

A resposta para este facto parece estar no facto de estas redes terem emergido da estranha história da intervenção americana contra a ocupação soviética do Afeganistão em 1980, e das consequências da presença da Coligação Multinacional na Arábia Saudita durante a guerra para expulsar o Iraque do Kuwait em 1990 e 1991. Entre 1980 e 1984, a administração Reagan, através da CIA e com a ajuda saudita, encorajou milhares de jovens activistas árabes a apoiar a resistência afegã através do fornecimento de fundos, armas e capacidade de organização. O movimento islâmico radical liderado por Gulbuddin Hekmatyar, os *mujaheddin* (combatentes da *jihad*), recebeu a maior parte da ajuda americana e saudita.

Osama bin Laden, foi um desses activistas que criou, com um colega egípcio, Abdullah Azzam, membro da *Ikhwan Muslimin*, um centro de recrutamento denominado *Maktab al-Khidamat* (O Registo). Os dois amigos separaram-se no fim dos anos 80 depois de terem recrutado mais de 10 000 voluntários, metade dos quais provenientes da Arábia Saudita. Em 1988, como forma de ampliar a luta pela defesa do mundo islâmico, Osama bin Laden funda a *Al-Qa'ida* (O Quartel-General). Isto destinava-se a ser uma plataforma de recrutamento para as lutas na Bósnia, Kosovo, Tchetchénia e Azerbaijão ao mesmo tempo que se transformou num ponto de contacto para todos os antigos combatentes depois de terem sido forçados a abandonar o Afeganistão e o Paquistão por pressão dos Estados Unidos entre 1990-1992, na sequência do fim da ocupação soviética do solo afegão.

O que a intervenção americana criou, sucintamente, foi um novo e bem treinado exército de soldados islâmicos radicalizados, dispersos por todo o Médio Oriente. A *Al-Qa'ida* transformou-se no veículo óbvio de redireccionamento de energias, à

medida que Osama bin Laden, se tornou, ele próprio, mais radical devido à continuação da presença militar americana na Arábia Saudita. E que outros grupos, nomeadamente no Egipto e Argélia, começaram a suas próprias lutas contra os respectivos governos que consideravam corruptos e não-islâmicos, recorrendo cada vez mais a práticas terroristas. O ponto de viragem deu-se em 1996, quando Osama bin Laden é expulso da Arábia Saudita, e declara a *jihad* pela purificação da própria Arábia Saudita e a libertação de Jerusalém do domínio israelita. Em 1998, quando emite a terrível *fatwa* declarando legítima a morte de americanos devido ao papel dos EUA nos assuntos do Médio Oriente, considerado por ele como prejudicial para os interesses islâmicos, estava criada a plataforma para ele personificar o "outro demónio", a resposta terrorista aos ideais de liberdade e democracia representados pelos Estados Unidos e os seus aliados.

Claro que para os muçulmanos radicais, o cenário não é exactamente o mesmo, e existe claramente um outro discurso no qual a arrogância e violência dos EUA constituem uma ameaça para o mundo islâmico, e em que as redes ligadas à *Al-Qa'ida* erguem a tocha da resistência legítima. E, porque são poucos, recorrerem ao terrorismo. Não é necessariamente bin Laden que movimenta estas redes. Na verdade, são as lideranças de grupos como as exiladas *Jihad Islamiyya* e a *Gama'at Islamiyya* do Egipto que jogam o principal papel a nível de coordenação, como sucedeu nos atentados bombistas às embaixadas em 1998. De qualquer modo, "a rede das redes" transformou-se numa hidra, na qual o decapitar de uma cabeça, apenas faz emergir outra em sua substituição. A força e a repressão por si sós não porão fim à violência que agora veio ao de cima. A par do recurso à força, o Ocidente deve olhar para as causas profundas deste ódio e antagonismo se quer de facto acabar com o monstro que ajudou a criar.